

Ascensão de Jesus Christo — Cópia de um esboço de Domingos Antonio de Sequeira

Imaginem uma aguia preada a um rochedo. Ha genios a quem a fatalidade põe aos pés uma braga, chumbando-a pelo outro lado a essa rocha bronca da ignorancia e da indifferença commum. O talento, sentindo dentro em si o grande mobil creador, a grande força que o arrebata, levanta o olhar e o espirito, e forceja por cortar em rapidos vôos essas regiões esplendidas por onde lhe divaga o coração e a phantasia. Que lhe succede por vezes? O ambiente afoga-o, o vento contrario impelle-o, tenteia o espaço com as azas, e as azas desplumam-se-lhe roçando pelas penedias; quer librar-se entre o fôfo das nuvens, e sente-se alagado pela espuma das vagas, quando não é pela baba da inveja. Estas luctas são provações. Os que saem d'ellas triumphantes são os verdadeiros heroes, os semideuses prodigiosos. Um homem póde crear um seculo; exemplo: Voltaire. Um seculo póde atrophiar um genio; exemplo: Bocage.

Ponde Mirabeau na tribuna de hoje, inflammae-lhe o verbo, se poderdes, com a discussão de um interesse mesquinho, com a futilidade de uma questiuncula sem alcance. Mirabeau desapparece. Supponde José Estevão no meio d'essas contendas em que se agita a Grecia, replicando ás ambições de Filippe; ahi tendes Demosthenes.

Quando a Europa, no fervor da renascença, nos dias da sua primavera intellectual, mostrava o risonho quadro dos reis transformados em cortezãos do talento, então os artistas pullulavam, alentados por aquella seiva de gloria; esse

«favor com que mais se accende o engenho»,

como disse um dos menos favorecidos dos homens, incitava aos commettimentos arrojados e ás emprezas audaciosas. A arte, como a suprema divindade romana, via as tiaras e as coroas cairem-lhe, por assim dizer, no regaço. Ticiano tem por seu famulo um imperador, e Raphael tem por seu aulico um papa. Miguel Angelo, o maior de todos, evoca o inferno dantesco, e, á similhança do florentino, arvora-se em juiz terrivel dos dislates que o cercam.

O pintor a quem se deve o esboço, cuja gravura apresentâmos hoje, só teve contra si o paiz e o seculo. O que Deus confere aos seus escolhidos possuiu-o elle em tal grau, que não sabemos de outro que lhe sobreleve. Caracterisa-o a imaginação robusta. Nos seus traços ha o que quer que seja do relampago. Tem o inesperado e o luminoso. Substitui estes dois nomes — Pedro Alexandrino e Cyrillo Volkmar Machado, entre os quaes se aperta a figura colossal de Sequeira, por estes dois outros — Vinci e Buonarotti; convertei 1823 em 1500; onde lêdes Ajuda, escrevei concelho de Florença; até onde imaginaes que sóbe o auctor do *Calvario*, da *Adoração dos Magos*, da *Ascensão* e do *Juizo Universal*? Ninguem o affirmará ao certo.

O conde de Rackzynski, com o seu admiravel sentimento do bello, não póde deixar de suspender a severidade do seu juizo para se extasiar em frente d'esses quatro quadros que denunciam um genio. *Ab unguibus leo.*

Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Belem a 10 de março de 1768. A sua biographia veiu em summario no n.º 12, tomo II, setembro 1858, d'este mesmo *Archivo*. Inutil será rememorar o que ha de terreno n'aquella existencia; a historia das contrarieda-

des e dos martyrios fecha-se diante d'esse livro de oiro aberto pela posteridade, e em cujas folhas se gravam os nomes radiantes. O de Sequeira lá existe. No dia 7 de março de 1837, quando a morte poisou a mão sobre a cabeça inerte do grande homem, sentiu que a gloria já a cingíra com uma coroa.

Roma foi para o nosso pintor eschola, ao mesmo tempo que lhe era exilio. Quatorze quadros saíram do seu pincel infatigavel; os desenhos succediam-se aos retratos; parece não ter havido um momento de ocio para aquelle talento prompto e vigoroso. Estimulava-o a contemplação das grandes obras; o amor da gloria induzia-o; media a sua estatura pela craveira gigantea dos mestres, e a consciencia não o fazia envergonhar. Quando expirou, viu bem que tinha firmado o seu nome em bronzes perpetuos. Haverá alguem que o conteste?

O assumpto que deu causa ao presente esboço foi tirado dos *Actos dos apostolos*. Ahi se lê:

«E havendo Jesus dito estas cousas, vendo-o elles (os apostolos), foi alevantado em alto; e uma nuvem o tirou de seus olhos.

«E estando elles com os olhos postos no ceo, entre tanto que elle ia sobindo, etc., etc.»

Sequeira, impressionado por esta descripção breve, mas grandiosa, bosquejou a scena em dois traços. N'essas figuras, ainda indecisas quanto ao desenho, ha já a sublimidade da composição e do agrupamento. A idéa jorrou, e desde logo lhe appareceram os moldes proprios. O mais seria trabalho de cinzel, apuro de lavrados, recamos da opulencia, exigencias do bom gosto. O que é pensamento, concepção, raio de luz, está alli n'aquelle assombro ineffavel, n'aquelle sagrado terror que revelam os apostolos, e que se contrapõe á serenidade com que vemos elevar-se no ar a figura candida e graciosa do Christo.

O pintor do *Juizo universal* deu mais latitude ao dizer do evangelista, congregando um maior numero de figuras e imprimindo no quadro toda a magestade congenere. Em Sequeira presente-se o turbilhão. Parece que o genio do Dante poisava por momentos ao lado do que tambem foi seu interprete, e que lhe ensinava a comprehender a vertigem das sombras e o indescriptivel redomoinho dos espiritos. Fitar um d'estes esboços é ver como que agitar-se uma multidão confusa de homens; julga-se ouvir o rumor d'aquella gente que se atropella; por debaixo d'aquellas linhas incertas corre um oceano de idéas, palpitam os germens que não poderam desabrolhar em toda a sua efflorescencia. É então que vem á memoria o terceto do florentino:

Facevano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria senza tempo tinta
Come la rena, quando il turbo spira.

Estas obras incompletas dos grandes mestres tem um secreto attractivo para os que prezam os lavores do talento humano. Como os viajantes se assentam sobre as ruinas, e tentam reconstruir o edificio desabado, pela estructura de uma columna ou de um mainel, assim o pensador se inclina sobre estas iniciações de uma sublimidade, e pergunta a si mesmo o que sairia d'aquelle montão de porphydo destinado a modelar-se em estatua. Sequeira é dos artistas que porventura legaram uma cópia mais abundante d'estes improvisos. O braço não lhe podia acompanhar o celere movimento do espirito; precisava d'estas valvulas para dar largas ás erupções do seu genio. O trabalho remansoso era para quando abonançava a tempestade interior, para quando se acalmava a febre do entendimento.

Quem não conhece dois ou tres d'estes bosquejos maravilhosos? quem não tem pasmado na contemplação d'estas sementes, que deveriam ser florestas? Podêmos pronunciar bem alto o nome de Domingos Antonio de Sequeira, sem temer que os mais exigentes nos censurem de desasisado patriotismo ou de cega nacionalidade. Os quatro quadros já citados, pertencentes hoje á galeria dos srs. duques de Palmella, sobejam para dar testimunho do muito que valia e podia o nosso compatriota. Por algum tempo o nome do mestre andou, para os profanos, envolvido n'um sombrio véo de esquecimento; o véo principia a desfazer-se, e Sequeira a popularisar-se. A photographia poderia completar esta reacção benefica. Por que não ha de o paiz e o mundo todo conhecer e familiarisar-se com tamanho homem?

Alguem que vê longe e vê fundo escreveu ha pouco o seguinte: — *Ce commencement de connaissance des grands hommes est necessaire au peuple.*

Sequeira valia bem o ser conhecido. É preciso que o povo saiba uma vez por todas, que acima d'esses heroes da espada, com cujos nomes elle tanto se ufana, ha tambem na sua historia outros heroes, que em vez de sangue derramam luz, e que em vez de destruir edificam.

E. A. VIDAL.

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

(Vid. pag. 9)

III

Não durou muito a pobreza primitiva da ordem. Da citada doação de julho de 1245, escripta por mestre Payo, tabellião, consta que João Esteves e sua mulher, Maria Martins, deram uma terra aos religiosos para se alargarem mais, com a obrigação de os encommendarem a Deus. Por outra escriptura, feita em setembro de 1250, João Pelagio Cordura e sua mulher, Mayor de Guimarães, doaram aos frades um lagar e outra terra junto á porta de Alconchel para estenderem mais o convento [1]. Finalmente, por outra escriptura, que fez Domingos Martins em 22 de junho de 1280, Pedro Affonso, mercador, e sua mulher, Maria Soares, deram aos frades um campo contiguo ao convento para o mesmo fim, pelo amor de Deus e em beneficio de suas almas.

Foi tambem o convento, nos primeiros tempos depois da sua fundação, favorecido pelos monarchas portuguezes. D. Affonso III deixou-lhe em testamento cincoenta libras, D. Fernando e D. Duarte lhe deram terras e casas para se alargar. Alguns o protegeram com importantes privilegios e isenções.

Com estas e outras esmolas augmentou a casa dos franciscanos a ponto de lhe chamarem communmente *convento do oiro*. Que chegára a estender-se por boa parte da cidade é o que se deprehende das alludidas doações, e tambem de uma velha memoria manuscripta que andava n'um livro de pergaminho do côro por onde se cantavam as horas menores. Começa este curioso documento da maneira seguinte:

«Esta casa de S. Francisco de Evora quero aqui pôr o que tem para que os que vierem saibam o que é da casa. Esta casa tem por cêrca da porta do Rocio até

1 Custa hoje a acreditar, se não commetteu algum erro quem copiou ou extractou a escriptura, que se podesse o convento de S. Francisco estender para a porta de Alconchel, muito distante da porta do Rocio, que é a que ao mesmo convento fica mais proxima. Como veremos adiante, no seculo XV chegava até á porta do Raymundo; porém d'ahi á porta de Alconchel vae ainda grande espaço. Convem advertir que, alargando-se pouco e pouco a cidade, e galgando os muros que em tempo dos romanos e dos arabes a cingiam nas alturas da collina, vieram as portas que el-rei D. Fernando abriu nos que de novo edificou a afastar-se muito das que antecedentemente existiam, sendo, portanto, possivel que no seculo XIII houvesse uma porta de Alconchel mais proxima do sitio do convento.

Todas as alludidas doações cita-as o auctor da *Chronica Seraphica*, e declara acharem-se authenticadas na Torre do Tombo. Deprehende-se da cota marginal que foram colligidas por fr. Rodrigo de S. Thiago.

á porta do Reymondo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até á porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as claustras ambas e a egreja, e da banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro. A egreja era de sete naves, e no couce estava um côro muito honrado; e prégam no alpendre para cabêr a gente. A egreja de sete naves cahiu, e com esmolas a tornaram a fazêr os padres de tres naves, e tornou a cahir com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Affonso v, e houve grandes guerras com Castella......»

Não merece credito a historia do templo aqui referida, que os chronistas repetiram e a cidade conserva em tradição. Admittir que em pouco mais de dois seculos os frades, tendo principiado em grande pobreza, alevantassem uma egreja de sete naves, não tendo mais de cinco as maiores da christandade; que no mesmo espaço de tempo caísse por terra, fosse reedificada e tornasse a cair; que os religiosos a conservassem depois em ruinas muitos annos, á espera que a real munificencia lh'a reconstruisse, tudo isto é o mesmo que inverter a ordem natural dos factos, e começar por onde se deveria acabar. Baldadas diligencias nos parecem, pois, as que pozeram alguns escriptores em conservar este glorioso brazão á ordem de S. Francisco e á cidade de Evora.

IV

Tinha o convento, como diz a memoria, duas claustras. Uma existe ainda, posto que muito arruinada; da outra apenas restam alguns vestigios. Era esta ultima n'um espaço alastrado de ruinas, que hoje vemos entre o edificio e o muro que entesta com a rua que ha pouco tempo se abriu desde a porta lateral do passeio publico até á rua do Paço. Conserva-se de pé uma parte do lanço septentrional da velha claustra com dois ou tres grandes arcos de volta abatida, muito obstruidos e alterados com posteriores reconstrucções; e no meio do largo subsiste a velha cisterna, tão entulhada que já custa a conhecer. Uma parede que recentemente deu em terra do lado do poente deixou descoberto um abundante ossario.

A primeira claustra em breve seguirá esta na ruina que os homens, ainda mais que o tempo, lhe vão apressando. Em partes os arcos ogivaes deram já de si a ponto de desaprumarem a dobrada ordem de columnas de marmore em que se estribam. Foi construida no anno de Christo de 1376, como se lê n'uma lapida que d'alli trasladaram ha alguns annos para a bibliotheca publica: — «Dom Fernando Affonso de Moraes, commendador de Montemor, mandou fazer esta crasta a fr. João d'Alcobaça, custodio, e a fr. A.° de Montemor, guardião, na grande fome em 1414.»

Os caracteres gothicos minusculos, muito perfeitos e elegantes, d'esta inscripção formam um quadro, em cujo meio se vêem esculpidas as armas dos Moraes com a cruz da ordem de S. Thiago, á qual pertencia a commenda de Montemór. Talvez por difficuldade que se lhes deparasse nas abbreviaturas, os chronistas da ordem e o padre Fialho deram só metade da inscripção, com quanto seja importante o facto da grande fome alli mencionada. Se foi particular do Alemtejo ou geral do reino não o sabemos nós, nem temos noticia de nenhuma que se refira áquelle anno de 1376.

Outra pedra mais notavel e de maior valor artistico foi egualmente transferida do claustro de S. Francisco para a bibliotheca publica. É um marmore de $1^m,23$ de largura, de $0^m,94$ de altura, e de $0^m,23$ de espessura, que representa em mais de meio relevo a Annunciação de Nossa Senhora. Na parte inferior lê-se em caracteres gothicos maiusculos o seguinte, que tambem temos por inédito: — «Aqui jaz Ruy Pires Alfageme, frade da terceira ordem. Era 420.»

As figuras são toscas, bem como todas as que nos ficaram da mesma epocha, ainda nos primeiros trabalhos d'este genero; mas o gracioso e bem acabado baldaquino que as cobre revela já o escopro que alguns annos depois abriu os delicadissimos ornatos da Batalha. O relevo do velho claustro é, pois, um dos mais interessantes monumentos da esculptura portugueza do seculo XIV.

V

Diz-nos o auctor da memoria qual era em seu tempo a importancia do convento:

«Tem esta casa dois refeitorios, um de peixe, outro de carne. Tem mais esta casa estudo, que é a melhor coisa que tem este reino; e estão aqui sempre os principaes mestres em theologia. Tem aposentamentos dos padres mestres e estudantes [1]. Tem livraria, onde se acham todas as obras compridamente; Testamento velho e novo, e todos com suas cadêas. Esta casa chama-se Convento de Ouro. Aqui vem toda a clerezia com suas cruzes, e todo o povo vespera de Ramos, e nós todos em procissão, e seis padres com varas vermelhas e capas; e eramos por todos ás vezes oitenta: e trazendo os ramos a esta egreja aqui se benzem com grande solemnidade e prazer, e isso temos por privilegio como outras coisas.»

Durando ainda o seculo XIII, se tornaram os conventos de S. Francisco de observantes em claustraes, por meio de dispensas e privilegios que lhes permittiram accumular riquezas, contra o primitivo espirito da ordem. Perdeu com esta mudança a austeridade monastica, mas ganhou muito a cultura das letras, que em todos os conventos do reino se promoveu com diligencia e ardor. E como das aulas que mantinham não recebessem estipendio, pouparam a despeza da cadeira de theologia na universidade a el-rei D. Diniz, que em estatuto determinou que os estudantes a aprendessem com os frades de S. Domingos e de S. Francisco. Vigorava ainda esta disposição quando pela segunda vez se trasladou a universidade para Coimbra.

Não era sómente nos conventos d'esta ultima cidade e de Lisboa que havia estudos regulares. No de Evora ensinavam-se, além da theologia especulativa e da moral, as humanidades, e davam-se, tanto aos de casa como aos de fóra que frequentavam as aulas, os graus de doutor, licenciado e bacharel. Costumava tambem a ordem mandar alguns filhos seus ás universidades estrangeiras para se aperfeiçoarem nas disciplinas que no reino haviam de professar.

Quando D. João III trasladou e reformou a universidade de D. Diniz, e o cardeal D. Henrique fundou a de Evora, pelos privilegios e augmentos que estas instituições obtiveram, começaram a decair os estudos seraphicos da altura a que antecedentemente haviam chegado. Em Evora só a universidade podia ter aulas publicas. D'esta e outras prerogativas muito se queixavam

[1] Acham-se aqui menos algumas linhas, cuja falta nos obriga a dar explicações, e nos proporciona ao mesmo tempo occasião de fazer certos reparos de hermeneutica ácerca do manuscripto. D'elle deram extractos os padres Esperança e Fialho, e transcreveu-o o padre Belem, mas com algumas mutilações. É uma d'estas a das linhas a que alludimos, as quaes se referem aos fundadores, e contém a prophecia de que se achariam os seus ossos.

Vimos a cópia que o guardião fr. Accursio de S. Pedro mandou lançar em 1643 no livro do tombo do convento, que se conserva no archivo do governo civil d'esta cidade. Cita fr. Jeronymo de Belem a mesma cópia, d'onde lhe extrahiram em Evora a noticia que publicou em 1750. De proposito supprimiram, pois, os frades a prophecia do achado dos ossos, manifesta interpolação (que até no estilo se conhece) com que pretenderam auctorisar o milagre os seus predecessores do seculo XVII.

Os ultimos factos mencionados na memoria são do reinado de D. João III. Por isso, pelo estilo, e porque no reinado de D. Manuel, que tanto beneficiou o convento, não havia já razão para que os frades se queixassem amargamente das régias extorsões, nos parece não se dever reputar este papel posterior aos principios do seculo XVI. Para o julgar dos fins do seculo precedente é mister suppor que as outras prophecias, que adiante veremos, não foram forjadas, mas escriptas á maneira de imprecações, e que por acaso se realisaram. É a velha memoria do livro do côro o unico documento que nos resta para a historia antiga do convento, e portanto nos soccorreremos d'ella, como fizeram os chronistas. Applicar-lhe-hemos, porém, sempre que for mister, o escalpello da critica, de que elles não quizeram ou não souberam usar.

os franciscanos, de toda a maneira desattendidos e avexados pelos jesuitas, que chegaram até a lhes tirar o logar, que de direito lhes pertencia, logo depois da ordem de S. Domingos, nos argumentos publicos da universidade.

Havia tambem n'outros conventos, como no de S. Francisco, o uso de prender os livros com cadeias ás estantes. Os estatutos da universidade de Evora ordenaram a este respeito o seguinte: — «Averá nas escolas hũa casa pera livraria da Universidade, na qual estarão livros de todas as faculdades em abastança, postos em estantes, e presos por cadeas, e enquadernados em tavoão, com seus titulos de boa letra [1].»

VI

Lê-se mais adiante na memoria do livro do côro: «Pousava D. Affonso v nos estáos, e porque sahia muitas vezes ao campo, pediu-nos os estudos para n'elles pousar, e nós lhos démos com todas as casas dos mestres, por ser nosso rei e senhor; e elle como se viu de posse, e as casas tão boas, commetteu-nos que lhe dessemos aquelles aposentos, em que estava e nos faria a egreja; e nós todos com campa tangida lhos outorgamos, não nos parecendo que elle mais tomasse; e elle começou logo de fazer suas camaras e portas para a nossa casa, e cada dia pedia casas; assim que tomou bem ametade da casa, e depois ametade da horta; e depois os padres choravam pelas barbas, e reclamavam sem lhe aproveitar, que para isso el-rei houve provisão de grande sacerdote, e por isso se foram d'aqui muitos padres......»

Os estáos ou paços reaes eram na Praça de Evora, entre a rua da Cadeia e a rua dos Toiros, que ainda em 1500 se prolongava até á mesma praça, o que tudo mostrámos já n'outro artigo d'este jornal. Ficavam, portanto, proximos de S. Francisco e na mesma área que, segundo o velho manuscripto, o convento occupava. Não se reputará por esta razão impossivel que chamassem antigamente paços de S. Francisco aos estáos, como parece deprehender-se das chronicas de Ruy de Pina e Duarte Nunes de Leão, a que alludimos no mencionado artigo.

D. Affonso v, fazendo em Evora mais longas residencias que os reis seus antecessores, e achando pequenas as casas da Praça, resolveu edificar novos paços no convento e horta dos franciscanos, o melhor sitio que para tal fim se lhe deparava em toda a cidade. Com o pretexto de sair facilmente ao campo, se hospedou na casa dos estudos e se foi apossando do que mais lhe convinha, embora deixasse os pobres frades a *chorar pelas barbas*.

Já vimos tambem que não é facil determinar o tempo em que principiaram estas régias invasões pelos dominios dos frades, e que só com alguma probabilidade suppozemos que seria pelos annos de 1471, depois das victorias de Arzilla e de Tanger [2].

(Continúa) A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Não sabemos de outros estatutos da universidade de Evora senão dos que se conservam, manuscriptos em boa letra do seculo XVI, na bibliotheca d'esta cidade. Intitulam-se: *Estatutos ordenados pelo Mui alto e excellente principe, o Serenissimo Senhor D. Anrique por merce de Deus, e da Santa Egreja de Roma Cardeal do numero dos Santos 4 coroados, Iffante de Portugal, Legado e Arcebispo de Lisboa etc. pera a Universidade que ordenou e fundou na cidade de Evora, da invocação do Espirito Santo com autoridade do Santo padre Paulo 4.*

[2] Vid. a historia dos paços reaes a pag. 1 d'este volume.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

ROCHEDOS BASALTICOS NAS MARGENS DO RIO WALAH-WALAH

Não ha paiz algum mais rico em curiosidades naturaes que os Estados Unidos da America do Norte. O viajante apreciador d'esses phenomenos encontra alli, por toda a parte, e em variadissimos generos, as mais bellas e estupendas curiosidades que a natureza tem produzido. Ufanam-se a Suissa, a Escocia e outros paizes europeus da vistosa perspectiva das cascatas formadas por alguns dos seus rios, que se despenham do cimo de altas rochas. Mas que valem essas cascatas em belleza e magestade comparadas com a famosa cataracta do Niagara?

A Italia, a Irlanda e a Belgica mostram com desvanecimento aos forasteiros mui formosas e singulares grutas. Porém as grutas de Mammuth, em Kentucky [1], na America do Norte, nas quaes o viajante percorre, ora a pé, ora embarcado, o espaço de muitos kilometros, sempre cercado de rochas, que brilham incrustadas de cristaes, e coberto por uma continuada abobada de lindas stalactites, estas grutas, dizemos, excedem em grandeza e originalidade a quantas possa opporlhes o velho mundo.

Nos Pyreneos, nos Alpes, e em varias outras cordilheiras da Europa, admiram-se penedos giganteos e singularissimos pela sua fórma ou posição. Mas em nenhuma parte do globo avultam serranias imitando perfeitamente ao natural, na disposição das suas penhas phantasticas, castellos da edade média e grandes cidades em ruinas, como se vê na celebrada *serra Negra* da America do Norte.

A curiosidade natural, que apresentâmos em gravura aos nossos assignantes, não se póde contar entre essas maravilhas que deixâmos referidas. Entretanto, merece a attenção dos viajantes. É um grupo de rochedos basalticos descommunaes, tão notaveis por se acharem solitarios na coroa de pouco elevada collina, como pela sua fórma estranha, que deixa presumir, a quem de longe os avista, que tem diante dos olhos um castello de antigas eras derrocado pelas luctas dos homens ou pela mão destruidora do tempo.

Erguem-se estes rochedos nas margens do rio Walah-Walah, que nasce e rega o territorio de Oregon, indo desaguar no Colombia, que a poucos kilometros se lança no Grande Oceano. Aquelles penhascos denegridos, contrastando com a verdura que os cerca e com as aguas cristallinas em que se espelham, dão realce á paizagem, que é de si propria amena e formosa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 14)

II

O FILHO DO DESERTO

Ainda largo tempo ficou Zuleyma debruçada sobre o rio, cujas aguas arrastavam na corrente, como outras tantas perolas, o reflexo das scintillantes estrellas. Salteava-a um vago presentimento, e a audaciosa evocação de Abu-Zakaria parecia-lhe quasi uma blasphemia que o destino não tardaria a punir. Com os olhos cravados na escuridão da noite, receiava ver surgir ao longe o vulto gigante de Ibn-Errik, e ver scintillarem nas trevas os relampagos do seu elmo. Porém nada viu senão a noite, nada ouviu senão o ramalhar da brisa, o murmurio do Tejo e o grito das aves nocturnas.

Sobraçando a harpa, dirigiu-se então com passo ligeiro para os seus aposentos na alcaçova. Quem a visse atravessar quasi aéreamente os jardins silenciosos, quem visse branquejar entre as arvores, á luz trémula das estrellas, a alvura do seu véo recamado de estrellas de oiro, quem visse de subito accender-se-lhe na fronte como que um pallido fogo, aureola que provinha do vago scintillar da sua faxa de perolas, julgal-a-hia então devéras uma d'essas fadas do

[1] Vid. pag. 197 do vol. VI.

Oriente que vagueiam nos jardins, procurando, como Titania, o abrigo das rosas.

Subito Zuleyma parou soltando um grito. Erguêra-se diante d'ella um vulto, cuja physionomia negrejava, em contraste com a alvura do capuz do seu albornoz fluctuante. Uma barba negra e espessa povoava-lhe o tostado rosto, e nos olhos negros brilhava um fulgor selvagem.

— Mogbar! exclamou ella assustada e deitando a correr na direcção do palacio.

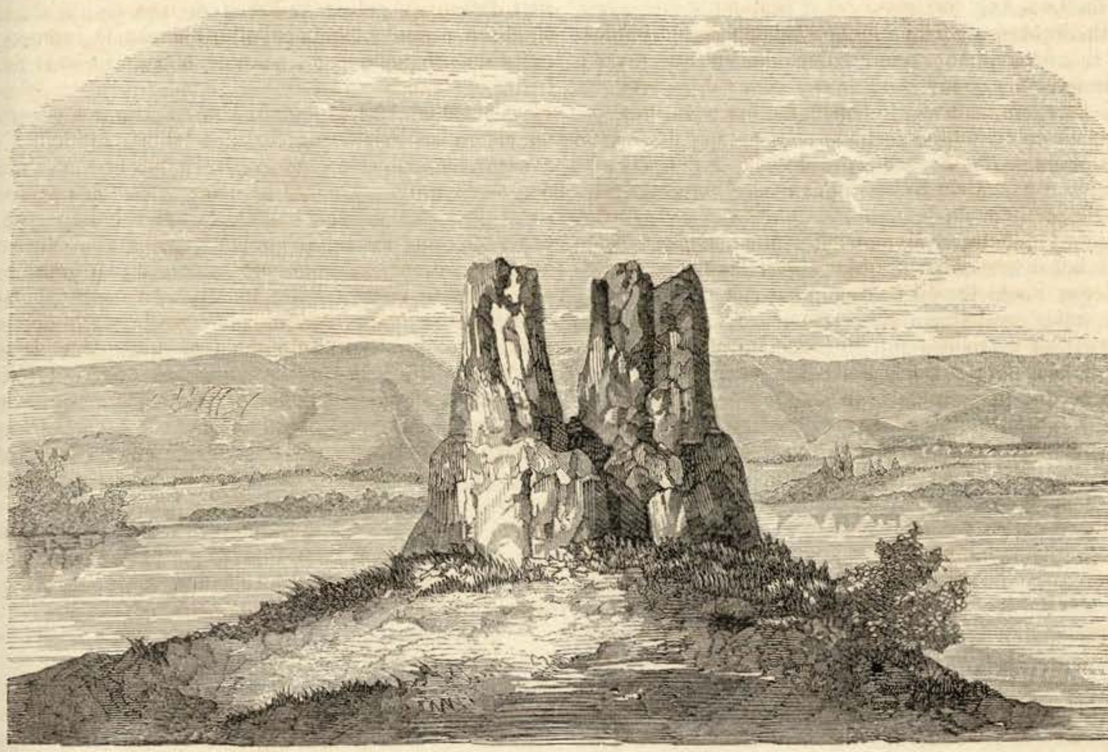
Mas, antes que désse dois passos, estava Mogbar junto d'ella, e impedia-a poisando-lhe ao de leve a mão no hombro.

— Por que foge a gazella quando apparece o leão do Atlas? exclamou o berebere, e a sua voz tinha inflexões de extraordinaria doçura; por que se esquiva a palmeira flexivel e airosa ás caricias ardentes do turbilhão do deserto? Sou eu por acaso um d'esses nazarenos descridos, abutres que só ousam empolgar as pombas que arrulham nos terrados da alcaçova?

— Os nazarenos descridos, respondeu ella com certa energia, combatem os inimigos; e tu, Mogbar-Ibn-Ibrahim, enterras o punhal traiçoeiro no seio dos teus irmãos de crença.

— Não são meus irmãos de crença, respondeu sombrio o berebere, aquelles que, mergulhados na devassidão e no luxo, rasgam com desdem as paginas do Alkoran, motejam nas suas orgias blasphemas do santo nome de Allah, e desprezam os mandamentos do propheta. É impio quem não segue os preceitos de Abdallah-el-Mehedi [1], e eu desprezo mais o impio que renega da sua crença, do que o cego que nunca abriu os olhos á luz que de Mekka irradia.

— Abdallah-el-Mehedi, tornou Zuleyma com des-



Rochedos basalticos junto ao rio Walah-Walah, no districto do Oregon

dem, é pois esse o nome do audacioso impostor que traz revolto o desgraçado Al-Maghreb, e que pretende tambem inundar de sangue musulmano as ferteis campinas do Andaluz?

— Abdallah-el-Mehedi, respondeu o berebere com exaltação, é o santo, o propheta que ousou face a face com o tyranno almoravide, no recinto da mesquita de Fez, estygmatisar a sua impiedade e a dissolução dos seus costumes. É o santo que, expulso da cidade dos vivos, foi soltar a voz inspirada no cemiterio, na cidade dos mortos, e alli concorreram de toda a parte os fieis a ouvir-lhe os salutares preceitos.

— Sim, redarguiu Zuleyma com suprema amargura, correram ao cemiterio como correm as hyenas, porque tu, que te dizes leão, és só a hyena que vens buscar a tua parte no repasto em que vos cevaes no cadaver do imperio dos Ommyadas.

— A pomba ameaça quando a aguia arrulha, é de regra, retorquiu o berebere com sardonico sorriso; pois eu vinha trazer-vos palavras de paz.

— Nem palavras de paz, nem palavras de guerra me devias fazer ouvir, acudiu Zuleyma com gravidade; sou musulmana, és musulmano, não és nem meu pae, nem meu esposo, e, comtudo, estás-me fallando a sós no jardim, como fallaria um nazareno descrido a alguma das suas virgens impudicas.

— Apagam-se as leis, apaga-se o respeito das velhas tradições no coração que a paixão impetuosa invade. Assim se apagam as palavras escriptas no areial, quando a onda transpõe os limites marcados e vem beijar a praia com os seus labios de espuma fremente. Rosa do Al-Gharb, o teu delicado aroma inebriou os sentidos do filho do deserto, que passava sombrio para cumprir a sua missão fatal. Parou a respirar a fragrancia desconhecida, e não pensou n'outra coisa que não fosse em colher a rosa perfumada e dizer-lhe: «Vem florescer, sósinha e sem rivaes, no meu harem deserto.» Tudo sacrifico a este desejo infrene. Quer teu pae, na sua selvagem independencia, governar o seu forte castello sem render preito a ninguem? por Mahomet te juro que ninguem o perturbará na posse do seu waliado. Quer, pelo contrario, reconhecer a soberania de Abd-el-Mumen, o poderoso emir-al-muminim, discipulo de Abdallah? terá sujeitos ao seu

[1] O fundador da seita dos almohades.

poder todos os walis do Al-Gharb. Juro-o pelos sete dragões do lago infernal...

— Não jures; que eu só por Mahomet te juro que te odeio e desprezo como um vil escravo revoltado, e intimo-te para que não ultrages mais o nome sem mancha de meu pae com as tuas propostas infames.

Mogbar soltou como que um rugido e avançou para ella com gesto ameaçador.

— Queres-me embargar o passo? disse Zuleyma altiva.

— Quero saudar-vos respeitoso, nobre filha do wali de Santarem, disse o berebere com uma subita mudança na voz e nas maneiras.

E cruzando as mãos no peito, á moda arabe, curvou-se até ao chão, abrindo caminho á donzella.

Esta passou ligeira como corça perseguida, mas pallida e tremente. Conhecendo as fogosas paixões dos filhos do Maghreb, tremia d'aquelle subito asserenar. Adivinhava a tempestade por baixo d'aquelle gesto impassivel.

O palacio ainda ficava longe. Zuleyma preferiu abrigar-se no pavilhão, onde algumas das suas escravas a costumavam esperar.

O berebere, entretanto, apenas ella se afastou, ergueu ao ceo o punho fechado com ar ameaçador. Os seus olhos negros despediram relampagos de furor selvagem, e a sua voz soltou um rouco e horrendo grito que nada tinha de humano.

— Imprudente, exclamou elle, que assim brincaste com a colera de Ibn-Ibrahim. Leão ou hyena, eu te juro que ainda lhe has de palpitar nas garras.

A noite desdobrava sobre a terra o seu manto recamado de estrellas, que só pareciam aconselhar serenidade e paz; o rio lá em baixo murmurava tão de manso, que parecia embalar o somno de uma criança. E entretanto os mais sinistros pensamentos tumultuavam na mente do berebere. É porque elle não era da raça d'esses arabes voluptuosos e scismadores, aos quaes as noites suaves da Peninsula inspiravam um continuo enlevo; não, elle nascêra nos areiaes africanos requeimados por um ceo de fogo, e as paixões que sempre no seu espirito bramiam não deixavam florescer lá dentro um só d'estes suaves sentimentos. O proprio amor, que nos arabes era a suave brisa que dava mais viço e frescor ás rosas do coração e do espirito, n'elle era vento abrazador que deixava crestada e murcha a flor que envolvia com o seu habito de fogo.

Sombrio, soltando ao vento nocturno as pregas do seu branco albornoz, dirigiu-se Mogbar para a alcaçova. Abu-Zakaria, na sala do *meschuar* (conselho de estado), ouvia alternativamente o seu *wali alahdi*, ou inspector das revistas, os *cadis* (juizes) da sua cidade, e os seus *mechtiseb* (recebedores). As participações d'estes funccionarios tinham-n'o deixado satisfeito. As *taifas* dos defensores da cidade andavam pagas em dia, os tributos cobravam-se regularmente, e no bairro de Seserigo nenhuma discordia grave chamára a attenção dos cadis. Afastando-se d'estes subalternos, Abu-Zakaria aproximára-se do seu *wasir*, ou logar-tenente, e perguntára-lhe:

— Que novas trouxeram os *forénicos* (correios) de Cintra?

— As mesmas que até aqui. Não ha nem rumor de guerra. Os almogavares percorrem o terreno dez legoas em redor sem encontrarem um vestigio só de esculcas nazarenos; na torre dos vigias dorme apagado o fogo das almenaras.

— Pois que velem elles! Nunca vem mais proxima a tempestade do que quando a natureza está assim immersa n'um lethargo profundo.

— Ibn-Errik adormeceu no leito da mulher d'alémmar; descança com elle a sua espada, e os seus cavalleiros bocejam de enfastiados nas salas das alcaçovas de Coimbra.

— É o repoiso do leão. Será terrivel o despertar. Vigilancia, wasir!

N'isto entrou um escravo, e, depois dos innumeros salamaleks de rigor, annunciou que Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian pedia uma audiencia.

— Que entre, exclamou o wali de Santarem visivelmente irado.

Mogbar entrou.

Curvou-se respeitosamente diante de Abu-Zakaria, como se curvára diante de Zuleyma.

— Poderoso wali, disse elle, vae findar a minha missão e eu vou partir. Concede-me a graça de uma resposta benevola que eu possa transmittir com jubilo. Com impaciencia a espera o sublime emir-al-muminin.

— Emir-al-muminin, chefe dos crentes! exclamou Abu-Zakaria como se uma vibora o houvesse picado; quem ousa tomar esse titulo sacrosanto?

— Quem ousa tomal-o? redarguiu Mogbar, e o seu olhar frio luzia como a folha de uma espada; quem tem direito a fazel-o! Abd-el-Mumen, o senhor do Al-Maghreb e do Andaluz, o kalifa eleito pelo representante do propheta, por Abdallah, o santo iman-el-mahedi.

— Blasphemias! exclamou Abu-Zakaria, e a espuma da colera refervia-lhe á flor dos labios pallidos. Um aventureiro, sagrado por outro aventureiro, ousa ufanar-se do titulo eminente que só pertence aos successores do propheta, aos kalifas de Bagdad, hoje que a raça dos seus legitimos possuidores, os Beni-Merûan de Kordova, se extinguiu no sangue dos ultimos representantes d'essa familia illustre! Ao menos, os almoravides, a quem a fatalidade nos obrigou a obedecer, só tomavam o titulo mais modesto de emir-almoslemim, chefe dos musulmanos; mas o aventureiro saído da lama não se contenta com menos do que com o titulo de chefe dos crentes. Vae, vae levar as tuas palavras a Ibn-Kasi, o renegado que chama os nazarenos em seu auxilio, mas não as tornes a proferir diante do wali de Santarem.

— E vou, respondeu friamente Mogbar; prefiro os que se alliam com o estrangeiro para fazer triumphar a causa santa, aos que se revoltam contra os enviados de Allah.

— Pelo monstro do monte Safa juro que a paciencia tem limites. Sahib-el-berid, capitão das veredas, continuou Abu-Zakaria voltando-se para um novo personagem que havia pouco entrára, é teu officio limpar de salteadores as estradas. Olha-me para este berebere, e se elle de hoje em diante se aproximar a tiro de setta dos muros de Santarem, frecha-m'o sem piedade. E agora, Mogbar-Ibn-Ibrahim-Ibn-Sofian, vae-te em paz, e Allah te acompanhe, se te julga digno d'isso.

Mogbar curvou-se de novo com respeito e saiu.

Levava a cabeça em fogo. Ainda mais lh'a tinham abrazado os esforços que fizera para se conter.

— Raça imprudente e cega! exclamou elle assim que se viu só nos jardins. Quão mal conhecem o leão do deserto! Em breve saberão que não se injuria impunemente um filho da tribu dos Beni-Aglab.

Parou á beira de um lagosinho, e deteve-se instantes a contemplar o reflexo trémulo das estrellas. Parecia absorto em cogitar profundo.

— Abd-el-Mumen está longe, disse elle erguendo a final a cabeça, e Ibn-Errik está perto. Que me importa qual seja o instrumento da minha vingança, comtanto que me vingue!

Caminhou direito á porta ogival dos jardins. Ao passar diante do pavilhão de Zuleyma viu luz lá dentro.

N'um dos quartos do pavilhão, cujas paredes estavam magnificamente vestidas de azulejos, cujo ambiente se perfumava com as emanações das mais puras essencias da Arabia, reclinada suavemente nos macios coxins, com o olhar como que absorto em vaga contemplação, Zuleyma pensava na sua entre-

vista com Mogbar, e nos loucos presentimentos que durante esse dia todo a tinham salteado; a seus pés uma formosa escrava syria, cujos artelhos nus eram apertados por braceletes de oiro, esperava, muda e immovel, que a sua senhora saísse d'aquella especie de somnolencia.

De subito ouviu-se uma voz rude e selvagem, que entoava lá fóra com uma inflexão viril uma canção estranha. Levantára-se um vento aspero que zunia lugubremente, e cujas queixas se confundiam com as ameaças d'esse canto rouco e ameaçador. A voz dizia assim:

Sou como fogo escondido
na dura pedra do val;
se alguem a fere e a excita,
lá brota a chamma infernal.

Sou como o leão que os filhos
guarda ao longe na floresta;
se cão ladrando o irrita,
não tarda a morte funesta.

Sou mar em calma; suas ondas
póde-as o vento alterar.
Temerario navegante,
receia a furia do mar.

Com o olhar espantado, os labios convulsos, as mãos tremendes, Zuleyma escutou essa voz sinistra que vibrava cheia de ameaças no silencio da noite; depois, soltando um grito angustioso, sepultou a cabeça nos coxins dos divans, como para fugir á perseguição d'aquelle demonio invisivel.

Mas a noite tornára-se de novo silenciosa, e nos jardins do alcaçar de Santarem não se ouvia mais do que o ramalhar da brisa nas folhas, e o murmurio do Tejo que lá em baixo corria limpido e palreiro.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 4)

II

Succedeu el-rei D. João V na coroa d'este reino, pelo fallecimento del-rei D. Pedro II, seu pae, aos 9 de dezembro de 1706, contando 17 annos de edade. Acclamou-se no 1.º dia de janeiro do anno seguinte. Celebrou-se esta ceremonia com muita pompa; todavia, não foi n'ella que se estreou a inclinação do moço rei para as festas esplendidas. Porém pouco tardou em a revelar de um modo que deu cabal medida do que havia de ser essa propensão em todo o curso do seu reinado.

Um dos primeiros negocios de que se occuparam os seus ministros foi o do casamento do soberano.

Desejoso el-rei D. Pedro II de ver accrescentado o lustre da dynastia de Bragança com o enlace do herdeiro do seu throno com uma princeza da familia de Habsburgo, entabolára as negociações para o ajuste do consorcio do principe D. João com a archiduqueza D. Maria Anna de Austria, filha de Leopoldo I, imperador da Allemanha, a esse tempo já fallecido, e irmã do imperador José I, então reinante. Tiveram exito feliz as primeiras negociações, tratadas particularmente; porém a morte colheu el-rei D. Pedro II quando se dispunha para mandar pedir a mão da princeza em acto publico e solemne. Por esta razão, apenas el-rei D. João V empunhou o sceptro, cuidou logo de concluir os ajustes encetados por seu pae.

N'estas nupcias, pois, que tanto lisongearam o seu orgulho, é que o joven soberano patenteou pela primeira vez o seu amor da ostentação e do luxo.

A 14 de setembro de 1707 largou do Tejo a nau que conduzia o conde de Villar Maior, Fernão Telles da Silva, embaixador encarregado de ir pedir á corte de Vienna d'Austria a mão da archiduqueza. Nunca, em casos taes, se apresentára em corte alguma estrangeira uma embaixada portugueza tão apparatosa pelo acompanhamento que levava, e tão pomposa pelas galas e luzimento com que fez a sua entrada publica na capital do imperio allemão.

Compunha-se a comitiva do embaixador de noventa e duas pessoas: secretario, gentis-homens, thesoureiro, porteiro da camara, guarda-roupa, medico, confessor, pagens, reposteiros, lacaios, palafreneiros, sota-cavallariços, cocheiros, etc. O prestito do conde de Villar Maior, na sua entrada solemne na cidade de Vienna, constava de sete coches da embaixada, dois do imperador, e quarenta e dois dos ministros, conselheiros de estado, e mais funccionarios e fidalgos da corte imperial, e de grande numero de pagens, lacaios e outros criados, ricamente fardados, e que iam a pé ou a cavallo. O coche em que ia o embaixador caminhava entre trinta lacaios da sua casa, a pé, trajando riquissimas fardas. Atraz d'elle seguiam doze pagens montados em cavallos, sendo egualmente cobertos de oiro e prata os vestidos d'aquelles e os jaezes d'estes. Após vinham o estribeiro, seis palafreneiros conduzindo á mão seis soberbos cavallos do embaixador, ricamente ajaezados, e depois os sotas-cavallariços.

Os sete coches do embaixador foram mandados fazer na Hollanda expressamente para esta solemnidade. Eram todos mui ricos, principalmente um, que era recamado de oiro tanto no exterior como no interior.

Esta entrada do embaixador de Portugal foi tão vistosa e magnifica, que o imperador José I e toda a familia imperial, contra a pratica não só da corte de Vienna, mas tambem de todas as cortes da Europa, em casos similhantes, presenciaram das janellas do paço a passagem do cortejo.

Sirva esta amostra para se ajuizar da grandeza e profusão das galas, do apparato das ceremonias, e do esplendor das festas com que el-rei D. João V solemnisou a chegada da rainha a Lisboa e a celebração do seu consorcio.

Durante anno e meio trabalhou-se activamente nos preparativos para estas funcções. Ornaram-se as salas dos paços da Ribeira com preciosas sedas e brocados, e tapeçarias finissimas. Guarneceram-se com moveis de summa riqueza. Fabricaram-se coches de muita sumptuosidade. Fizeram-se novos e riquissimos fardamentos para toda a criadagem da casa real, e para as guardas dos archeiros. Construiram-se dezenove arcos triumphaes; um amphitheatro no Terreiro do Paço para as corridas de toiros; varias obras de architectura e uma montanha, figurando o Etna, para grandiosos fogos de artificios; coretos no paço para grandes concertos de musica, etc.

A rainha chegou ao Tejo, conduzida em uma armada ingleza de dezoito naus, no dia 26 de outubro de 1708. O resto de outubro e alguns dias de novembro foram consagrados aos festejos. A ceremonia da entrada publica da rainha realisou-se com grande solemnidade no dia 22 de dezembro. Foi n'essa occasião que serviram os coches reaes que se mandaram fazer, pois que a rainha desembarcára do bergantim real, em uma ponte junto aos paços da Ribeira, encaminhando-se logo a pé para a capella real do mesmo paço, onde se recebeu com el-rei.

Dispenderam-se n'estas funcções alguns centos de contos de réis.

Posto que fosse mui precario o estado da fazenda publica ao tempo em que assim se gastava com tanta largueza, outras occasiões se apresentaram, e d'ahi a poucos annos, em que essa fatal propensão do monarcha tomou proporções de verdadeira prodigalidade.

III

Tendo el-rei solicitado e obtido do papa Clemente XI, no correr do anno de 1710, a instituição de uma collegiada na sua capella real, composta de seis dignidades, dezoito conegos e doze beneficiados, testimunhou a sua gratidão ao summo pontifice enviando-lhe por embaixador extraordinario ao marquez de Fontes, a quem depois mudou o titulo no de Abrantes.

O fim ostensivo da embaixada era dar obediencia ao papa. Mas achando-se Clemente XI sentado na cadeira de S. Pedro desde o anno de 1700, e tendo el-rei D. João V por seu enviado e ministro plenipotenciario na corte de Roma, havia já alguns annos, a André de Mello e Castro, por via do qual tinha alcançado as referidas graças pontificias, ha razão para se presumir que el-rei apenas teve em vista retribuir o favor do pontifice com o espectaculo de uma embaixada apparatosa. E, com effeito, o marquez de Fontes, muito tempo depois da sua chegada a Roma, parte do qual gastou em preparativos festivaes, fez a sua entrada publica com esplendor e luxo poucas vezes visto na cidade eterna em ceremonias taes.

Todavia, não obstante a magnificencia que o marquez de Fontes alardeou n'esta solemnidade, não foi mais que o preludio de outra de muito maior riqueza e fulgor com que D. João V assombrou a capital do mundo catholico.

Decorridos poucos annos depois de ter a sua capella real organisada como uma sé, parecendo-lhe que ainda não era sufficiente preeminencia para o lustre da sua coroa, encarregou o seu ministro junto da santa sé, André de Mello e Castro, de requerer ao papa a erecção da mesma capella em egreja patriarchal. O que o monarcha portuguez solicitava era nada menos que o estabelecimento de um simulacro da corte pontificia dentro da sua real capella, que assim ficaria quasi competindo em magestade com a egreja do Vaticano. Clemente XI, que ainda cingia a tiara, ou por affeição particular a el-rei D. João V, ou por muito acostumado ás suas liberalidades, concedeu quanto a tal respeito lhe foi pedido.

A *bulla Aurea* da instituição da patriarchal foi expedida em novembro de 1716. No anno seguinte presenciou Lisboa pompas religiosas até então só vistas em Roma nas festividades em que officiava o soberano pontifice. Como todos sabem, os doze principaes da santa egreja patriarchal de Lisboa, divididos, como o sacro collegio de Roma, em principaes primarios, presbyteros e diaconos, vestiam habitos cardinalicios nas funcções da sua egreja, e celebravam pontifical. Os trinta e seis monsenhores eram repartidos por quatro turnos: o primeiro de doze monsenhores prelados (mitrados); os tres restantes de monsenhores protonotarios, sub-diaconos e acolytos. Os conegos eram vinte e quatro, e os beneficiados e capellães-cantores passavam de cento e vinte. Os mestres de ceremonia e mais empregados eram cento e quarenta e dois, e os musicos italianos e portuguezes setenta e dois.

Custaram sommas immensas ao thesouro portuguez as bullas da creação da patriarchal. Cada concessão que el-rei D. João V ia obtendo de novo para a augmentar em preeminencias e prerogativas, era paga a peso de oiro. Não obstante, o soberano, que conquistou o epitheto de *magnanimo* á força de liberalidades, quiz ainda mostrar-se reconhecido á munificencia de Clemente XI por meio de uma embaixada que eclipsasse em apparato e sumptuosidade as mais esplendidas embaixadas de que havia noticia.

André de Mello e Castro, elevado ao cargo de embaixador extraordinario, a fim de ter pretexto para fazer entrada publica e solemne na corte onde residia, desde os principios do reinado de D. João V, com o caracter de seu ministro plenipotenciario, correspondeu tão cabalmente aos desejos do soberano, que este lhe recompensou um tal serviço nomeando-o conde das Galvêas.

Nada esqueceu nem poupou André de Mello de tudo quanto podesse dar realce á solemnidade da sua entrada publica, que se verificou no anno de 1718, em consequencia dos muitos, importantes e variados preparativos que foi mister fazer para esta funcção. O que é certo é que eram tão notaveis a riqueza e perfeição dos coches e das librés que o embaixador mandou fazer para esse dia, e tão numerosa e luzida a sua comitiva, que ficou memorada esta ceremonia como a mais grandiosa que um monarcha estrangeiro fez celebrar em Roma. Depois deixaram de se fazer, por largos annos, na corte pontificia, entradas solemnes de embaixadores, porque nenhuma nação se accommodava á idéa de dispender tanto dinheiro na ceremonia de um só dia, como Portugal dispendeu; ou de fazer menos brilhante figura que este pequeno reino dos confins occidentaes da Europa.

Passado pouco tempo publicou-se em Roma uma descripção minuciosa d'esta embaixada em um volume in-folio adornado de gravuras, representando os coches do embaixador que serviram n'essa occasião. A bibliotheca publica de Lisboa conta entre os seus livros raros um exemplar d'esta obra, bastante curiosa para a historia da corte ostentosa del-rei D. João V.

IV

Ainda não estariam pagas, sem duvida, todas as despezas d'aquelle capricho da vaidade real, e já o mesmo soberano se entregava desassombradamente a novos e grandes dispendios para ordenar uma funcção religiosa na sua corte.

Lembrando-se el-rei de restaurar a solemnidade do Corpo de Deus, que, em consequencia das passadas guerras da nossa independencia, chegára a perder quasi inteiramente o brilho com que outr'ora era celebrada n'esta capital, determinou, no anno de 1719, não sómente que fosse restituida ao seu antigo lustre, mas, além d'isso, que se accrescentasse em galas e magnificencias. Foram executadas com pontualidade as ordens do soberano e satisfeitos todos os devaneios da sua imaginação. A festa da procissão de *Corpus Christi* que se fez no dia 8 de junho de 1719, e que serviu de norma para a dos annos seguintes, foi a mais sumptuosa e brilhante festividade de que dão noticia os fastos da egreja olysiponense.

Existem extensas descripções d'esta funcção, escriptas por testimunhas oculares com miudeza e até prolixidade. Não é nosso proposito dar agora uma amostra d'ellas aos nossos leitores. Bastará dizer-lhes, para que façam uma idéa approximada da grandiosidade e riqueza da festa, que se dispendeu n'ella, dos cofres do estado, cêrca de 200:000$000 réis. E ao tempo em que assim se gastava tão prodigamente em uma solemnidade religiosa, luctava ainda o governo com graves embaraços pecuniarios para acudir a todas as necessidades do serviço publico!

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se póde perder um reino. Quantas familias inteiras não poderam nunca lavar uma nodoa que lhe poz uma só palavra dé um «ouvi dizer»? Em fim, não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida estão na mão da lingua. Resta logo para remedio e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da régoa da prudencia, porque só então sairão rectas.

P. MANUEL BERNARDES.